

los rasgos psicológicos, incluso patológicos, con que Eurípides caracteriza a sus personajes; mientras que es de menor importancia el elemento divino, que hasta es puesto en duda en ocasiones o duramente criticado.

Sigue una bibliografía bien documentada, distribuida en un apartado general (con libros y artículos) y otro obra por obra, en donde se incluyen las respectivas ediciones principales.

Se cierra con unos índices de gran utilidad: I pasajes de autores clásicos; II referencias a autores y obras griegas y latinas; III referencias a términos notables (personajes, lugares y otros); IV transcripción de vocablos; V nombres mitológicos.

En suma, es un trabajo riguroso y muy completo sobre un tema que el autor domina a la perfección, por lo que puede ofrecernos esta excelente obra, indispensable para el conocimiento del trágico y de su contexto, y en los más variados aspectos, sin limitarse a los simplemente mitológicos. Capaz de profundizar en la enorme riqueza de valores de Eurípides, sabe mostrarlos al lector, tanto al más versado —al que aportará sin duda datos nuevos de interés— como también a un público menos documentado, para quien los hace accesibles gracias a su claridad de exposición.

ALICIA ESTEBAN SANTOS

Universidad Complutense de Madrid

aesteban@ucm.es

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_27

MARTINS DE JESUS, Carlos A., *Baquílides. Odes e fragmentos*. Tradução do grego, introdução e comentário, Coimbra-São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014, 236 pp. ISBN 978-989-721-045-7; ISBN Digital 978-989-721-046-4.

Os estudos sobre o poeta lírico Baquilídes de Ceos conheceram um desenvolvimento notável desde a publicação, no final do século XIX, de um papiro descoberto no Egito, datado do século I a.C. e preservado hoje em Londres (British Library), que continha odes e fragmentos respeitantes, pelo menos, a catorze epínícios e seis ditirambos. O exame destes versos veio permitir apreciar e valorizar uma arte poética que, até então, fora seriamente ofuscada pela reputação dos outros dois grandes líricos gregos do final da Época Arcaica, Simónides e Píndaro.

Sobre a “recuperação” de Baquilides na Idade Moderna nos fala Carlos de Jesus no capítulo de abertura da presente tradução portuguesa do poeta grego, apontando os dados mais relevantes dessa descoberta histórica, explicando com algum detalhe o modo como os versos de Baquilides se encontravam dispostos no Papiro de Londres, sem deixar de assinalar o trabalho pioneiro de crítica textual concretizado em 1897 pelo editor F. G. Kenyon.

Num segundo momento da Introdução, o A. discute as informações, recolhidas dos versos e dos testemunhos que nos chegaram, a partir das quais podemos reconstituir o percurso biográfico e profissional de Baquilides. Além de comentar a cronologia do poeta, aceitando a tendência actual de colocar o nascimento em 518-517 a.C. e a morte em 452-451 a.C. (p. 19), Carlos de Jesus destaca o ambiente cultural, artístico e desportivo que terá caracterizado a cidade onde nasceu Baquilides (Íulis, na ilha de Ceos), bem como a proximidade com o seu tio Simónides, talvez cerca de trinta e seis anos mais velho, aspectos que terão provavelmente influenciado e propiciado uma futura carreira poética. Ainda neste capítulo, dedica atenção particular aos patronos para quem terá composto as suas obras (como o tirano Hierão de Siracusa, que preferiu Baquilides a Píndaro, quando em 468 a.C. obteve a vitória olímpica na corrida de carros de cavalos) e aos espaços onde provavelmente desenvolveu o seu ofício (além da terra natal, a Tessália, a Macedónia, Egina, Atenas, o Peloponeso e a Magna Grécia, principalmente), sendo de assinalar o cuidado do A. em estabelecer, com o maior rigor possível, os limites cronológicos deste trajecto profissional.

No capítulo seguinte (“Transmissão e aproximações críticas”), Carlos de Jesus centra-se nas questões, não menos complexas e interessantes, relativas ao registo escrito e à transmissão da obra de Baquilides, sem deixar de comentar os testemunhos que atestam a reputação e a influência deste lírico em autores posteriores, mas discutindo em particular a forma como a sua poesia foi recebida e avaliada pelos críticos antigos. Na análise desta matéria, é evidente e de louvar a insistência do A. em demonstrar que a apreciação da arte de Baquilides foi, desde a Antiguidade, prejudicada pela comparação constante com a de Píndaro, uma situação que apenas se altera a partir da segunda metade do século XX, graças a um entendimento mais esclarecido das características formais e temáticas que distinguem os dois *corpora*, o que se traduziu também em “leituras descomprometidas e apostadas na isenção” (p. 23), como escreve Carlos de Jesus.

A Introdução encerra com um elenco bibliográfico, no qual se identificam as edições, as traduções e os comentários de referência, ao

que se segue uma lista considerável de livros e artigos, que constitui uma excelente base de trabalho para qualquer estudo sobre a obra de Baquilídes, mas também sobre muitos outros aspectos relativos à poesia lírica grega.

A parte mais importante deste livro é, naturalmente, a tradução em verso branco dos epínícios (odes 1-14B), ditirambos (odes 15-29), fragmentos e epigramas de Baquilídes, ou seja, a versão integral do seu *corpus*. Feita com grande rigor e sensibilidade, em particular no que respeita aos epítetos – um dos traços mais singulares da arte poética do lírico de Ceos – esta tradução procurou manter, como o A. observa (p. 7), “a estrutura triádica da maioria das composições (estrofe, antístrofe e epodo)”, reforçando-se deste modo a aproximação com a organização compositiva do original grego. Vale a pena salientar que Carlos de Jesus optou por incluir no corpo dos textos mais fragmentados as propostas de reconstituição sugeridas pelos editores modernos, o que contribui significativamente para a compreensão e apreciação dos versos de Baquilídes.

Outro aspecto que nos parece valorizar bastante esta edição reside nos textos de carácter introdutório que antecedem os epínícios e os ditirambos. Constituem, de facto, uma apresentação geral de cada poema ou conjunto de poemas, apontando os dados essenciais referentes à sua datação, às circunstâncias de composição e execução, à identidade dos destinatários das odes (no caso dos epínícios), bem como à sua organização formal, ao tratamento dos temas e da narrativa mitológica, e às possíveis relações dos versos de Baquilídes com a arte e a iconografia.

Estas questões são examinadas de forma clara e sucinta, com discussão das principais dificuldades de crítica textual, das interpretações dos estudiosos modernos e da bibliografia mais relevante, o que se torna muito proveitoso, uma vez que oferece uma introdução geral que permite elucidar o leitor acerca da complexidade da estrutura narrativa de algumas odes, conduzindo-o nos meandros do legado mitológico em que se inspirou Baquilídes, mas também lhe sugere pistas de leitura que poderão ser exploradas mais tarde.

A informação fornecida nesta síntese inicial é complementada com a que pode ser encontrada nas notas que acompanham a tradução. Estas são, regra geral, concisas e esclarecem as alusões ou referências menos claras que ocorrem no texto, as possíveis dúvidas relacionadas com a menção de epítetos, antropónimos e topónimos, além de outros aspectos, como o tratamento do mito e o significado das designações das formas poéticas cultivadas pelos líricos gregos, por exemplo.

Além de um útil e bem organizado índice onomástico¹⁴, complementam este trabalho dois apêndices: um primeiro que reúne as fontes de transmissão dos versos de Baquilídes (quando não transmitidos pelo Papiro de Londres) e as informações que nos chegaram sobre esses textos, e um segundo que compila os testemunhos antigos sobre a vida e a obra do poeta. Julgamos, porém, que o valor das informações compiladas no primeiro índice – que permitem, por exemplo, ter uma ideia do contexto de citação e transmissão do *corpus* de Baquilídes – se tornaria mais evidente se estes textos figurassem no início (no texto ou em nota) de cada poema ou fragmento e não arrumados à parte. Um outro reparo refere-se ao subtítulo desta obra, que nos parece de algum modo pouco apropriado, pois sugere que inclui um comentário desenvolvido a cada composição, tal como são as edições comentadas, e cremos que seria mais correcto o termo “apresentação”.

Trata-se, porém, de aspectos de menor importância, que não põem em causa o valor global da obra. Carlos de Jesus, que é investigador integrado do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e dedicou a Baquilídes a sua dissertação de doutoramento (*Poesia e iconografia. O mito nos epínicios de Baquilídes*, Coimbra, 2012), consegue facilmente introduzir o leitor no universo cativante da papirologia, levando-o a descobrir uma obra poética riquíssima que, embora tenha sido, ao longo de séculos, ofuscada por várias circunstâncias, deve agora ser devidamente apreciada. Em Portugal, até ao momento, não obstante as traduções de qualidade da autoria de Maria Helena da Rocha Pereira e de Frederico Lourenço, bem como as que têm surgido em revistas académicas, não dispúnhamos de uma versão completa do *corpus* de Baquilídes. A presente edição vem assim preencher uma lacuna no elenco de traduções portuguesas dos grandes clássicos da Grécia antiga e constitui um contributo fundamental para o estudo da lírica grega da transição da Época Arcaica para a Clássica.

LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA

Universidade de Coimbra

luisanazare@hotmail.com

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_28

14 Esta parece ser a designação correcta do índice, tal como surge registada na p. 231, não obstante o nome impresso no Sumário e no cabeçalho das pp. 232-236.